

# PORTVIX

## ESTRATÉGIAS DE BANCOS DE DADOS PARA A CONTINUIDADE DA DOCUMENTAÇÃO EM PESQUISAS SOCIOLINGUÍSTICAS

*Leila Maria Tesch*  
*Lilian Coutinho Yacovenco*  
Universidade Federal do Espírito Santo

### 1 INTRODUÇÃO

O PortVix (Português falado na cidade de Vitória), em duas décadas de atuação, tem contribuído significativamente para a descrição linguística da comunidade de fala capixaba e também para a descrição do português brasileiro. Inicialmente coordenado por Lilian Coutinho Yacovenco, hoje conta com outras duas coordenadoras: Maria Marta Pereira Scherre, que inicia sua participação no grupo em 2008, e Leila Maria Tesch, que participou da fundação do grupo como pesquisadora de Iniciação Científica e desde 2013 se torna uma de suas coordenadoras.

O primeiro banco de dados, denominado PortVix, com 46 entrevistas de representantes da comunidade de fala de Vitória, capital do Espírito Santo, elaborado nos primeiros anos da década de 2000, buscou atingir as seguintes metas: 1) organizar uma amostra da fala da cidade de Vitória, uma das mais antigas do Brasil, que não possuía, até então, um banco de dados sociolinguísticos; 2) analisar fenômenos variáveis da variedade capixaba. Essa variedade não é reconhecida

pelos brasileiros e o próprio capixaba afirma que sua fala não apresenta marcas características, considerando-a, portanto, não marcada, diferentemente do que se considera das variedades vizinhas – a baiana, a mineira e a carioca.

Ao longo desses 20 anos, outras amostras foram elaboradas e analisadas. O objetivo deste capítulo é apresentar as amostras elaboradas pelo grupo de pesquisa PortVix, detalhando suas características, seus objetivos e os trabalhos até o momento realizados. Para tanto, inicialmente comentamos as amostras de fala do PortVix de Santa Leopoldina e de Caravelas/BA, seguidas das baseadas na escrita, do jornal *A Gazeta*, de cartas pessoais e cartões postais e de jornais antigos, além de revistas em quadrinhos. Outras amostras a serem introduzidas serão as de telejornais capixabas e de outras abordagens da Sociolinguística, voltadas para a variação estilística e estudos de percepção linguística.

## **2 PORTVIX: AMOSTRAS**

Durante os quase 20 anos de desenvolvimento de pesquisas do PortVix, muitos estudos foram realizados com base no banco de dados que recebe o mesmo nome – e o pioneiro no estado do Espírito Santo (cf. seção 2.1). Novos integrantes do grupo, instigados por diversos questionamentos sociolinguísticos, se propuseram a organizar outros bancos de dados sob outras perspectivas. Neste capítulo, apresentamos esses diversos bancos de dados analisados ao longo de quase duas décadas de existência do grupo do PortVix.

### **2.1 O banco de dados do PortVix**

No início dos anos 2000, sob a coordenação da professora Lilian Coutinho Yacovenco, com o enfoque da Sociolinguística Variacionista, nasce o projeto PortVix, cujo objetivo maior é a descrição e análise da fala de pessoas nascidas e residentes na capital do Espírito Santo – Vitória. Nesse momento, em parceria com as professoras Maria da Conceição Paiva e Christina Abreu Gomes, do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/RJ), que ministraram curso sobre formação de bancos de dados sociolinguísticos, um grupo de alunos junto à professora Lilian deram início aos trabalhos para a constituição desse corpus, dedicando-se à organização das características do banco de dados e aos procedimentos de coleta.

Durante esse período, o grupo elaborou e aprimorou roteiros a serem explorados nas entrevistas, métodos de abordagens aos informantes, verificação das variáveis extralinguísticas mais relevantes para a caracterização da fala capixaba, observação de possíveis problemas técnicos e metodológicos que poderiam ocorrer durante as gravações e elaboração de critérios para as transcrições das entrevistas.

Entre os anos 2001 e 2003, o grupo gravou 46 entrevistas com falantes que nasceram ou se mudaram para Vitória até os quatro anos de idade, de ambos os sexos, de três níveis de escolaridade – Ensino Fundamental, Médio e Universitário – e de quatro faixas etárias – 07 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais, conforme apresentado no Quadro 1:

Quadro 1 – Estratificação dos falantes da amostra PortVix.

Faixa etária	07-14		15-25		26-49		50-...		
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Ensino Fundamental	4	4	2	2	2	2	2	2	20
Ensino Médio	-	-	3	3	2	2	2	2	14
Ensino Universitário	-	-	2	2	2	2	2	2	12
Número total de entrevistados									46

Fonte: Yacovenco (2002, p. 108) e Yacovenco et al. (2012, p. 777).

Os 46 falantes foram gravados em dois contatos, sempre por dois entrevistadores. No primeiro contato, buscava-se verificar se o participante atendia aos critérios estabelecidos e quais temas favoreciam o uso do vernáculo<sup>1</sup> pelo falante. No segundo contato, realizava-se a entrevista propriamente dita, cuja duração média é 60 minutos. Nesse momento, realizou-se uma entrevista semidirigida, tipicamente laboviana, e os entrevistadores adotaram procedimentos diversos para que o vernáculo emergisse e, assim, o falante prestasse o mínimo de atenção ao modo de falar e ficasse mais atento sobre o que dizer.

Algumas estratégias foram adotadas para minimizar o problema do paradoxo do observador<sup>2</sup> e favorecer o uso do vernáculo durante a entrevista, como: i)

<sup>1</sup> “Estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008, p. 244).

<sup>2</sup> Segundo Labov (2008 [1972], p. 244), ao abordar a questão do paradoxo do observador, discute que “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas, no entanto, só podemos obter tais dados por meio de observações sistemáticas. O problema evidentemente, não é insolúvel: ou achamos maneiras de suplementar as entrevistas formais com outros dados, ou mudamos a estrutura da situação de entrevista de um jeito ou de outro. (...) Uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da

não revelar, de imediato, a real motivação das entrevistas, mencionando que o objetivo era traçar o perfil social do capixaba; ii) conduzir a entrevista de forma descontraída, com base em um roteiro anteriormente elaborado, com perguntas claras e precisas; iii) instigar os participantes a falarem de fatos de suas vidas; iv) uso de gravadores pequenos (nesse período foram utilizados gravadores de fitas cassetes, por isso as entrevistas são de 60 minutos, duração máxima da fita) e microfone de lapela no entrevistado; v) realização da gravação no dia, local e hora de conveniência do participante (na maior parte das vezes na residência do participante); e vi) todos os entrevistadores eram alunos de graduação da Ufes e se apresentavam como tal, buscando uma maior empatia com o entrevistado.

Após as gravações, essas entrevistas foram transcritas pelo grupo e estão à disposição de pesquisadores que queiram realizar estudos com base nesse banco de dados. Atualmente, estamos em fase de organização desse material para divulgação em um site.

Conforme mencionado anteriormente, a composição do banco de dados de fala de Vitória tinha por objetivo o conhecimento da variedade capixaba. A intenção do grupo era buscar a identidade linguística do capixaba por meio de fenômenos que, por um lado, o individualizassem e, por outro, o aproximassem do português usado por todos os brasileiros. Para isso, diversas pesquisas foram realizadas e, até a presente data, foram defendidas 19 dissertações e 1 tese que objetivavam descrever e caracterizar a variedade capixaba, com base nas gravações do PortVix. Destacamos que, além desses trabalhos, foram realizadas outras pesquisas de iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso que não serão aqui apresentadas, pois, em sua maioria, tiveram continuidade após a graduação, estando, conseqüentemente, aqui listadas.

Com o objetivo de traçar um panorama dos trabalhos realizados pelo grupo de pesquisadores ligados ao PortVix, listamos a seguir os títulos dos trabalhos desenvolvidos e o(a) pesquisador(a) responsável:

- 1) “A variação no âmbito do irrealis entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba” (TESCH, 2007) – Leila Maria Tesch;

---

situação de entrevistas com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja”.

- 2) “A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba” (BRAGANÇA, 2008) – Marcela Langa Lacerda Bragança;
- 3) “Nós/a gente em Vitória: uma análise sociolinguística da fala capixaba” (MENDONÇA, 2010) – Alexandre Kronemberger de Mendonça;
- 4) “Fala, Vitória! – a variação do imperativo na fala de Vitória e sua posição no cenário nacional” (EVANGELISTA, 2010) – Elaine Meireles Evangelista;
- 5) “Ponte da Passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)” (CALMON, 2010) – Elba Nusa Calmon;
- 6) “A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização” (TESCH, 2011) – Leila Maria Tesch;
- 7) “Variação sintática das orações adverbiais finais: similaridades e diferenças entre fala e escrita” (DEOCLÉCIO, 2011) – Carlos Eduardo Deoclésio;
- 8) “A intercambialidade modo-temporal: análise sociolinguística da alternância tempo e modo verbal na fala dos moradores de Vitória/ES” (BARBOSA, 2011) – Astrid Franco Barbosa;
- 9) “A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba” (CAMPOS JÚNIOR, 2011) – Heitor da Silva Campos Júnior;
- 10) “Expansão das perífrases de gerúndio no português brasileiro” (BASÍLIO, 2011) – Jucilene Oliveira Sousa Basílio;
- 11) “A negação no português falado em Vitória/ES” (NASCIMENTO, 2014) – Cristiana Aparecida Reimann do Nascimento;
- 12) “As vogais médias pretônicas na fala de Vitória” (LEITE, 2014) – Melina de Figueiredo Leite;

- 13) “Não o vejo mais em Vitória: a substituição do clítico acusativo de terceira pessoa na fala capixaba” (LAUAR, 2015) – Aline Berbert Tomaz Fonseca Lauar;
- 14) “A Concordância Verbal na Fala de Vitória” (BENFICA, 2016) – Samine de Almeida Benfica;
- 15) “A regência variável do verbo de movimento ir na cidade de Vitória-ES” (CITELI, 2017) – Bárbara Gomes Citéli;
- 16) “A expressão do sujeito pronominal no português falado em Vitória/ES” (GENUINO, 2017) – Wladimir Ricardi Alves Genuino;
- 17) “Análise da concordância nominal na fala de Vitória/ES: o linguístico, o social e o estilístico” (SCARDUA, 2018) – Juliana Rangel Scardua;
- 18) “Tá Mudando? - uma análise Sociofuncionalista sobre a mudança do verbo estar na fala de Vitória/ES” (PINHEIRO, 2019) – Frederico Pitanga Pinheiro;
- 19) “A expressão da obrigação nas construções ter que + infinitivo, dever + infinitivo e precisar + infinitivo: uma análise variacionista” (PINTO, 2020) – Tarsila Machado Pinto;
- 20) “As Construções Relativas na Fala de Vitória/ES: uma Perspectiva Sociolinguística” (SANTOS, 2020) – André Poltronieri Santos.

As análises permitiram que se observasse que, em sua maioria, os fenômenos morfossintáticos analisados na variedade capixaba têm comportamento ao visto em outras pesquisas sobre o português brasileiro. Entretanto, alguns dos fenômenos permitiram que se notassem características da fala capixaba que a individualizam, entre os quais o da variação de segunda pessoa. Calmon (2010) verificou que não há ocorrências na amostra PortVix da variante *tu*, e que *você* é a mais frequente na fala capixaba. Notou, ainda, que *cé*, diferentemente do que ocorre em Belo Horizonte, é menos frequente, e que *ocê* possui raras ocorrências, nenhuma na função de sujeito.

As pesquisas referentes à variação de artigo definido antes de antropônimos e pronomes possessivos (CAMPOS JÚNIOR, 2011), da negação sentencial

(NASCIMENTO, 2014) e das vogais médias pretônicas (LEITE, 2014) mostraram que o falante capixaba possui características que o inserem no mapa sociolinguístico brasileiro numa variedade que se localiza entre a baiana e a carioca, tanto linguística como geograficamente. Campos Júnior mostra que os artigos definidos não são tão frequentes na fala capixaba, havendo, inclusive, ausência de artigos após preposições, como em “casa de Heitor”. Em relação ao uso de artigos definidos antes de antropônimos, a variedade capixaba apresenta índices intermediários entre os do Rio de Janeiro e da Bahia (CAMPOS JÚNIOR, 2011, p. 75). Entretanto, quando diante de pronomes possessivos, há menor frequência de uso de artigos definidos que a encontrada em Recife, capital brasileira investigada cujos usos são os menores entre as cidades estudadas (CAMPOS JÚNIOR, 2011, p. 76).

Nos fenômenos da negação sentencial e das vogais médias pretônicas também se observa o mesmo comportamento. Nascimento (2014) constata maior frequência de uso de dupla negação ou de negação pós-verbal na variedade capixaba que as encontradas no sul do Brasil e em Mariana/MG, porém menor que as obtidas em capitais nordestinas (NASCIMENTO, 2014, p. 70). Leite (2014) também verifica maior frequência de uso de vogais pretônicas médias-baixas na fala capixaba que no Rio de Janeiro, porém índices bem inferiores aos vistos em Salvador (LEITE, 2014, p. 59).

Os estudos baseados no banco de dados sociolinguísticos de Vitória permitiram que se situasse a variedade capixaba no cenário linguístico do Brasil. Pode-se dizer que, assim como pensam seus falantes, parece ser uma variedade menos marcada, sem grandes traços linguísticos que a diferenciam das demais. Entretanto, alguns fenômenos linguísticos podem caracterizar o capixaba, como são os casos dos já especificados.

## 2.2 O banco de dados de Santa Leopoldina

O banco de dados “Português falado na zona rural de Santa Leopoldina”, desenvolvido pelas alunas-pesquisadoras Camila Candeias Foeger e Lays Joel de Oliveira Lopes, sob a coordenação das professoras Lilian Coutinho Yacovenco e Maria Marta Pereira Scherre, foi constituído no período de 2011 a 2013. Atualmente, esse banco de dados integra o banco de dados do projeto PortVix, sendo base para análise de diversos fenômenos linguísticos.

A amostra da zona rural de Santa Leopoldina é composta por 44 entrevistas, de 50 a 60 minutos de gravação, realizadas com moradores da zona rural

do município, estratificados de acordo com sexo (masculino e feminino), faixa etária (07 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais) e grau de escolaridade (Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio), conforme ilustrado no Quadro 2.

Quadro 2 – Estratificação dos falantes da amostra Santa Leopoldina/ES.

Faixa etária	07-14		15-25		26-49		50-...		
Sexo	H	M	H	M	H	M	H	M	
Ensino Fundamental I	3	3	2	1	2	2	2	2	17
Ensino Fundamental II	3	3	2	2	2	2	2	2	18
Ensino Médio	-	-	2	2	2	2	1	0	09
Número total de entrevistados									44

Fonte: Lopes (2020, p. 113).

Segundo Lopes (2014, p. 60),

Para seleção dos informantes, estabelecemos os seguintes critérios: [...] o falante deveria ser natural de Santa Leopoldina e residente da zona rural do município. Além disso, não poderia ter se afastado da região por mais de um terço de sua vida, ter pais e cônjuges leopoldinenses e não falar outra língua, além do português (LOPES, 2014, p. 60).

Lopes (2020, p. 113-114) esclarece que

inicialmente, a composição da amostra visava a distribuição equilibrada de informantes. Almejava-se um quantitativo de 03 informantes por célula na primeira faixa etária – uma vez que, no Brasil, a pretensão é que os alunos concluam o ensino fundamental aos 14 anos – e 02 falantes a partir da segunda faixa etária – em decorrência da inserção dos alunos de ensino médio. Todavia, no período de coleta da amostra, alguns perfis foram mais difíceis de serem encontrados. Por exemplo, na faixa etária de 15-25 anos, dispomos de apenas 01 falante do sexo masculino com ensino fundamental 01. Sendo assim, buscamos equilibrar a amostra inserindo 03 informantes homens da mesma faixa etária com ensino fundamental 02. Outra dificuldade foi encontrar moradores da zona rural com ensino médio em idade superior a 49 anos. Isso porque, na idade escolar desses falantes, as escolas na zona rural do município eram escassas. A informante dessa faixa etária que cursou o ensino médio concluiu os estudos na vida adulta com muita dificuldade, como relata em sua entrevista, sendo a única da família com essa formação (LOPES, 2020, p. 113-114).

Vale destacar que a escolha desse município se deu com base nos dados populacionais divulgados pelo IBGE, no Censo de 2010, em que Santa Leopoldina aparece como o município com maior quantitativo percentual de habitantes moradores da zona rural.



As entrevistas seguiram as mesmas estratégias adotadas pelo PortVix para amenizar o paradoxo do observador e fazer emergir o vernáculo, seguindo as postulações de Labov (2008 [1972], p. 243-244). Atualmente, todas as entrevistas estão transcritas e podem ser utilizadas para análise de fenômenos.

Até o presente momento, foram defendidas duas dissertações e uma tese. Além disso, também foi desenvolvido uma pesquisa de iniciação científica, listadas a seguir:

- 1) “A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES” (LOPES, 2014) – Lays de Oliveira Joel Lopes;
- 2) “A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina” (FOEGER, 2014) – Camila Candeias Foeger;
- 3) “Pronomes de segunda pessoa: uma análise variacionista do português falado na região rural de Santa Leopoldina-ES” (DETONI, 2017) – Marliny Carla Detoni Caetano;
- 4) “‘As histórias são boas. As pessoas, maravilhosa’: análise da variação da concordância verbal e nominal na zona rural de Santa Leopoldina/ES” (LOPES, 2020) – Lays de Oliveira Joel Lopes.

Com o banco de dados de Santa Leopoldina, constatou-se que há muitas semelhanças com a comunidade de fala de Vitória, como o observado nas pesquisas sobre concordância nominal e verbal e variação de segunda pessoa. A variação de primeira pessoa do plural é semelhante à vista na cidade de Vitória, contudo não há uma curva de mudança como na capital, mas, sim, de gradação etária, como afirmado por Foeger (FOEGER, 2014, p. 109).

### 2.3 Os bancos de dados de outras comunidades de fala – Caravelas/BA

O banco de dados “Variação Linguística em Caravelas”, desenvolvido por Jares Gomes Lima, sob a coordenação da professora Maria Marta Pereira Scherre, foi constituído entre 2015 e 2019, e compõe-se de uma amostra de falantes nascidos em Caravelas, na Bahia.

Caravelas é uma das cidades baianas da costa do descobrimento do Brasil, sendo assim uma cidade histórica. A base econômica da cidade é a agricultura e a pesca de peixes e mariscos. Conforme o último censo do IBGE, em 2010, possuía 21.414 habitantes.

A amostra, com 36 entrevistados, está estratificada de acordo com a faixa etária dos falantes (14 a 25 anos, 26 a 49 anos, e 50 anos ou mais), de ambos os sexos (homens e mulheres) e de três níveis de escolaridade (Ensino fundamental, Ensino Médio e Universitário), com dois falantes para cada célula, assim distribuídos:

Quadro 3 – Estratificação dos falantes da comunidade de Caravelas/BA.

Faixa etária	15-25		26-49		50-...		
	H	M	H	M	H	M	
Sexo							
Ensino Fundamental	2	2	2	2	2	2	12
Ensino Médio	2	2	2	2	2	2	12
Ensino Universitário	2	2	2	2	2	2	12
Número total de entrevistados							36

Fonte: Baseado em Lima (2017, p. 41).

Jares Lima (2017, p. 38), responsável pela elaboração e realização dessas entrevistas, nascido e vivido na comunidade até sua ida para Vitória para realizar o mestrado no PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Linguística) da Ufes, afirma que “a amostra não foi totalmente aleatória, pois para preencher as células sociais com os informantes necessários foram utilizados alguns que já eram conhecidos e que logicamente satisfaziam as exigências para estarem na amostra”.

Até o presente momento, em 2021, foi defendida uma dissertação de mestrado e o mesmo aluno está no doutorado e, em breve, teremos uma tese sobre essa mesma comunidade.

- 1) “O jogo na comunidade de Caravelas/BA: variação de fricativa coronal pós-vocálica” (LIMA, 2017) – Jares Gomes Lima.

Lima aponta para a importância do estudo da comunidade de fala de Caravelas e constata a presença de um traço característico: a realização da fricativa alveo palatal pós-vocálica antes de oclusivas alveolares surdas, como em [‘paʃta].

## 2.4 O banco de dados do jornal A Gazeta

O PortVix, além de amostras de fala, também possui bancos de dados de textos na modalidade escrita. Um material bastante interessante que temos utilizado para análises de alguns fenômenos linguísticos são as edições do jornal A Gazeta, digitalizados e organizados sob a coordenação das professoras Lilian Coutinho Yacovenco e Leila Maria Tesch.

O jornal A Gazeta foi fundado em 1928, sendo sua primeira edição datada de 11 de setembro de 1928. Segundo Lindenberg Neto (2008, p. 7), surgiu com o propósito de ser um jornal contra o “atraso” e a “inércia da mentalidade capixaba”.

Não é mais possível folhear as coleções dos primeiros anos do jornal. Entretanto, é possível realizar o levantamento desse material na Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo, já que todo o material está registrado em microfilme. Embora tenhamos acesso a esse riquíssimo material, vale ressaltar que o registro desses primeiros exemplares em microfilme é de baixa qualidade. Em diversos momentos, não é possível a leitura de trechos de reportagens, às vezes, até páginas inteiras.

Entretanto, tivemos acesso a um material distribuído internamente entre os funcionários da Rede Gazeta – um livro em comemoração aos 80 anos do jornal A Gazeta (LINDENBERG NETO, 2008). O livro está organizado por décadas, de 1920 a 2000, com a imagem das principais páginas do jornal desse período e, assim, pudemos ampliar o número de dados do jornal. Estamos atualmente em fase de digitalização desse material.

Segundo Tesch (2011, p. 69), a importância de se analisarem as edições desse jornal também se deve ao fato de

A Gazeta [ser] considerado o jornal de formação de opinião no Estado do Espírito Santo. É o único jornal capixaba que possui editorial, além de colunistas que são referência para os capixabas em diversas áreas, da economia e política à esportiva e cultural. Outro ponto a se destacar é sua semelhança a jornais como O Globo, do Rio de Janeiro: é dividido em “Cadernos”, como o 2º Caderno, que aborda questões culturais. A Rede Gazeta, responsável pelo jornal, é uma afiliada da Rede Globo, ou seja, apresenta o chamado “padrão Globo de qualidade” (TESCH, 2011, p. 69).

Alguns trabalhos já foram realizados baseados nesse material e em outras edições do jornal A Gazeta, listados a seguir:

- 1) “A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização” (TESCH, 2011) – Leila Maria Tesch;
- 2) “A variação dos verbos ter e haver existenciais na modalidade escrita capixaba” (MACHADO; TESCH, a sair) – Amanda Henriques Machado e Leila Maria Tesch;
- 3) “A expressão do sujeito pronominal no domínio jornalístico capixaba” (SOUSA, 2018) – Vinícius Afonso Catazano de Sousa;

- 4) “A posição dos clíticos pronominais em textos jornalísticos capixabas: uma investigação do continuum de monitoramento inter e intragenérico” (BENINCÁ, 2019) – Ludimilla Rupf Benincá.

A amostra baseada no jornal A Gazeta permitiu que se observassem, em solo capixaba, fenômenos linguísticos amplamente abordados na literatura sociolinguística. Também permitiu que se constatasse a variação e mudança linguística no decorrer do tempo, conforme visto por Tesch (2011).

## 2.5 O banco de dados de cartas, cartões postais e jornais antigos

O banco de dados de cartas, cartões postais e jornais antigos, desenvolvido pelas alunas-pesquisadoras Caroliny Batista Massariol, Juliana Rangel Scardua e Karina Correa Conceição, sob a coordenação das professoras Lilian Coutinho Yacovenco e Maria Marta Pereira Scherre, foi constituído no período de 2015 a 2018. A amostra de cartas e cartões postais é composta por textos escritos por dois missivistas capixabas, Oswald Cruz Guimarães e Vicente Caetano, que escreveram para destinatárias mulheres.

Para ter acesso a esse material e montar essa amostra, as alunas Caroliny e Juliana recorreram ao Arquivo Público do Estado do Espírito Santo e encontraram cartas e cartões postais de Vicente Caetano em um álbum e todas as missivas estavam em perfeito estado e todas eram manuscritas. As demais missivas foram encontradas por meio da rede social Facebook, como relata Massariol (2018, p. 61-62),

Para montar a amostra, tivemos de buscar cartas pessoais e cartões postais em acervos públicos e privados. O acervo privado foi possível por meio do Facebook, uma rede social. No Facebook, entramos em um grupo destinado a fotos antigas do Espírito Santo e procuramos, através de uma publicação, alguém que tivesse cartas de cunho pessoal escritas por capixabas no início do século XX. Em seguida, uma pessoa comentou nossa publicação, dizendo que tinha algumas cartas. A partir disso, entramos em contato com Mariza Guimarães, neta de Oswald Cruz Guimarães, e falamos sobre o interesse que tínhamos ao pesquisar essas cartas. Mariza Guimarães nos disponibilizou as cartas de seus avós, entretanto não nos deixou usá-las como um todo em publicações. Sob sua autorização, podemos publicar, no máximo, três linhas de conteúdo. Dessa forma, podemos analisar todas as correspondências, mas só tornamos públicas pequenas partes, de até três linhas (MASSARIOL, 2018, p. 61-62).

Vale destacar que esse material é todo manuscrito, tendo havido casos em que não foi possível se entender todas as palavras por conta da caligrafia dos

missivistas. Esse banco de dados foi fotografado, digitalizado e está constituído da seguinte forma:

Quadro 4 – Distribuição das cartas e postais de Oswald Cruz Guimarães e Vicente Caetano por décadas.

Década – Correspondência - missivista	Quantidade de cartas
Década de 1910 –cartas - Oswald	28
Década de 1920 –cartas- Oswald	5
Década de 1950-postais- Vicente	56

Fonte: Massariol (2018, p. 63).

Até o momento, temos as seguintes pesquisas baseadas nesse banco de dados:

- 1) “Expressão do sujeito pronominal em cartas e postais capixabas do séc. XX” (MASSARIOL, 2018) – Caroliny Batista Massariol;
- 2) “A alternância tu e você: cartas capixabas” (SCHERRE; YACOVENCO; SCARDUA, 2018) – Maria Marta Pereira Scherre, Lilian Coutinho Yacovenco e Juliana Rangel Scardua;
- 3) “Objeto direto anafórico: reflexões e perspectivas para o ensino da mudança linguística na escola regular” (CONCEIÇÃO, 2016) – Karina Corrêa Conceição;
- 4) “A condição de distintividade na variação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular em cartas escritas por um capixaba” (MASSARIOL; YACOVENCO, 2020).

Essa amostra possibilitou que se observasse a existência do pronome tu, ausente na fala capixaba, em cartas pessoais escritas por capixabas (SCHERRE; YACOVENCO; SCARDUA, 2018). Também se pôde observar o aumento do uso de sujeitos pronominais expressos nas cartas pessoais (MASSARIOL, 2018) e a diminuição do uso de clíticos acusativos de terceira pessoa em jornais capixabas (CONCEIÇÃO, 2016).

## 2.6 O banco de dados de revistas em quadrinhos

Com o interesse em se observar o registro de alguns fenômenos linguísticos em outro gênero discursivo, foram realizadas pesquisas com base nas revistas em quadrinhos da Turma da Mônica, como as a seguir listadas.

- 1) “A variação da primeira pessoa do plural nas revistas em quadrinhos de Chico Bento” (SILVA, 2020) – Jessyca Christyna Soares da Silva;
- 2) “Já vejo ele nos quadrinhos: uma análise em tempo real da variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em revistas da Turma da Mônica” (ZANELATO, 2020) – Carolina Amorim Zanellato;
- 3) “Variação do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica: um estudo em tempo real” (CONCEIÇÃO, 2018) – Ednaildes Bispo da Conceição.

As pesquisas proporcionaram uma reflexão sobre a variação linguística no gênero história em quadrinhos. Todas apresentam análises em tempo real, uma vez que foram digitalizadas revistas desde a década de 1970, o que permitiu que se observasse a implementação de novas variantes linguísticas.

## 2.7 O banco de dados de telejornais capixabas

Com o intuito de se observarem variáveis relacionadas ao estilo, foram compostas amostras baseadas em telejornais capixabas. O banco de dados coletado também se mostrou interessante para a análise de outros fenômenos linguísticos. É importante destacar que os telejornais, apresentados no horário do almoço por duas emissoras distintas, são bastante populares, havendo, inclusive, grande interação com os telespectadores, que participam ativamente do telejornal. Esses fatos são relevantes na construção do cenário discursivo que envolve cada um dos jornais, destinados a públicos distintos.

No momento, em 2021, são realizadas duas pesquisas sobre a variação de primeira pessoa do plural:

- 1) “ESTV 1ª edição, é a gente com você: análise sociolinguística da variação da primeira pessoa do plural em jornal televisionado” (DIAS, 2020) – Kaio Rangel da Silva Dias;

- 2) “Variação da primeira pessoa do plural nós e a gente no telejornal Balanço Geral/ES” (SANTOS, 2020) – Tamilly Costa Santos.

Esse banco de dados foi organizado em tempos de pandemia, quando havia impossibilidade de se realizarem entrevistas sociolinguísticas tipicamente laboratoriais. As pesquisas apontam para a importância de variáveis relativas ao locutor, ao interlocutor, ao tema, às sequências discursivas e à situação comunicativa.

## 2.8 Pesquisas com outras abordagens

Mais recentemente, o grupo também tem trabalhado com outras abordagens da Sociolinguística – mais especificamente, com estudos de percepção e de variação estilística. Citamos os trabalhos por ora desenvolvidos:

- 1) “Sotaque capixaba: um estudo de percepção” (TESCH, 2021) – Leila Maria Tesch;
- 2) “Análise da variação estilística na concordância nominal de número de uma falante pouco escolarizada” (SOUZA, 2017) – Elaine Cristina Borges de Souza;
- 3) “A expressão do sujeito pronominal na fala de uma universitária capixaba: uma análise baseada no estilo” (MASSARIOL; YACOVENCO, 2017) – Caroliny Batista Massariol e Lilian Coutinho Yacovenco.

O projeto “O sotaque capixaba: um estudo de percepção”, foi desenvolvido pela professora Leila Maria Tesch, em período de Pós-Doutorado, realizado em 2020-2021. A pesquisa teve por objetivo realizar estudos de percepção para verificar se o capixaba teria uma identidade linguística bem definida, verificando se os capixabas conseguem se reconhecer capixabas pela fala e também se pessoas de outros estados conseguem reconhecer capixabas pela fala. Tencionamos, também, dessa forma, contribuir com os estudos de percepção no Brasil, ainda bastante incipientes.

Estudos de percepção linguística buscam observar como certos significados sociais podem se associar a usos linguísticos, tendo em vista que buscam verificar como diferentes formas linguísticas são ouvidas e processadas pelos membros de uma comunidade (CAMPBELL-KIBLER, 2006). Essa área da Sociolinguística

ainda tem sido pouco explorada, mas pode contribuir significativamente para um maior entendimento dos usos linguísticos.

Nesta pesquisa, foi aplicado um questionário online e os resultados estão em fase de análise. O questionário é composto por cinco seções: (i) apresentação da pesquisa e acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;<sup>3</sup> (ii) perguntas sobre informações pessoais, com a ressalva de que a identificação não será divulgada e a pessoa não precisa dizer o nome pessoal; (iii) questões ligadas ao reconhecimento de sotaques brasileiros; (iv) perguntas ligadas à avaliação de sotaques brasileiros; e (v) questões específicas sobre o sotaque capixaba.

Outra abordagem também explorada no grupo do PortVix são os estudos de variação estilística, como a pesquisa “Análise da variação estilística na concordância nominal de número de uma falante pouco escolarizada”, de Elaine Cristina Borges de Souza, sob coordenação da professora Maria Marta Pereira Scherre. Nesse estudo, a pesquisadora analisará a concordância nominal de número na fala de uma mulher, de 28 anos, que nasceu e sempre morou em Goiânia, na mesma casa. Essa mulher possui mestrado, atua como professora da rede municipal de ensino, é atriz de teatro e ativista. A análise se dará em gravações das seguintes situações: i) aula; (ii) conversas com amigos e família; (iii) ensaios de teatro; e (iv) apresentações de teatro.

Também com o intuito de observar a variação estilística na fala de uma jovem universitária, Massariol e Yacovenco (2017) analisaram a expressão do sujeito pronominal na fala dessa jovem em quatro situações comunicativas: assembleia geral estudantil da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), reunião de uma força política estudantil no campus de Goiabeiras, reunião de uma força política estudantil no campus de Alegre, e uma conversa informal entre amigos. Foi constatado que, quanto maior intimidade e interação entre a jovem e os interlocutores, maior presença de sujeitos explícitos.

Essas novas perspectivas de análise possibilitam um olhar voltado para questões pouco abordadas no projeto PortVix e abrem horizontes para novas linhas de pesquisa, voltadas não somente para macrocategorias que atuam sobre a variação e mudança linguística, como sexo, escolaridade e faixa etária do falante, mas, também, para questões relativas à percepção linguística e para o próprio falante.

---

<sup>3</sup> Para continuar participando da pesquisa, é obrigatório clicar no campo “Sim, aceito participar”.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seus 20 anos de existência, o projeto PortVix proporcionou o conhecimento de características da comunidade de fala capixaba, características essas que, ora a individualizavam, ora a aproximavam das demais variedades do português brasileiro. O presente artigo mostrou a evolução das pesquisas desenvolvidas pelo grupo PortVix, inicialmente preocupadas com a identificação da comunidade de fala por meio de banco de dados voltados para a produção linguística, levando em conta macrovariáveis sociais, como sexo, escolaridade e faixa etária do falante. No momento atual, as pesquisas também se debruçam sobre a variação estilística e os estudos de percepção. Podemos afirmar que o Projeto PortVix contribuiu para a inserção da variedade capixaba no cenário sociolinguístico brasileiro e para a discussão dessa variedade entre os próprios capixabas.

## REFERÊNCIAS

- CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva. A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- DIAS, Kaio Rangel da Silva. ESTV 1ª edição, é a gente com você: análise sociolinguística da variação pronominal de primeira pessoa do plural em jornal televisionado. Texto de qualificação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.
- FOEGER, Camila Candeias. A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- LEITE, Melina de Figueiredo. As vogais médias pretônicas na fala de Vitória. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- LIMA, Jares Gomes. O jogo na comunidade de Caravelas-BA: variação da fricativa coronal pós-vocálica. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

LINDENBERG NETO, Carlos Fernando, CORREA, José Carlos, LEITE, Antônio Carlos, MEDEIROS, Sandra. *A Gazeta – 80 anos de história*. Vitória: AS. A Gazeta, 2008.

LOPES, Lays de Oliveira Joel. *A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

LOPES, Lays de Oliveira Joel. “As história são boas. As pessoas, maravilhosas”: análise da variação da concordância verbal e nominal na zona rural de Santa Leopoldina/ES. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

MASSARIOL, Carolyn Batista. *A expressão do sujeito pronominal em cartas e postais capixabas do século XX*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

NASCIMENTO, Cristiana Aparecida Reimann do. *A negação no português falado em Vitória*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; Yacovenco, Lilian Coutinho; SCARDUA, Juliana Rangel. *A alternância tu e você: cartas capixabas*. *Confluência*, v. 1, p. 9-25, 2018.

SILVA, Jessyca Christyna Soares da. *A variação de primeira pessoa do plural nas revistas em quadrinhos de Chico Bento*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

TESCH, L. M. *A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização*. 2011. 192f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

TESCH, L. M. *A variação no âmbito do irrealis entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba*. 2007. 153f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria; BRAGANÇA, Marcela Langa L.; EVANGELISTA, Elaine Meireles; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 56, p. 771-806, 2012.

ZANELLATO, Carolina Amorim. Já vejo ele nos quadrinhos: uma análise em tempo real da variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em revistas da Turma da Mônica. 2020. Texto de qualificação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

